

A REFORMA PROTESTANTE

1ª Parte – (1517-1648)

Introdução

A Reforma protestante, como todo o estudo histórico, possui suas particularidades e divergências que são inerentes a forma como vê quem os relata, por exemplo, um historiador protestante terá uma opinião divergente de um historiador católico ou de um historiador cético, como já dito anteriormente, nossa posição é que Deus está conduzindo a história para a consumação final de seu Reino. No entanto, como poderemos ver, este propósito muitas vezes é desviado por questões humanas e malignas.

1.Os Pré-Reformadores

Pedro Valdo (1150—1218): A Verdade acima da Riqueza

Nascido em Lyon, França, filho de um comerciante rico, Pedro tornar-se-ia ele mesmo um homem de negócios e agiota bem-sucedido. No entanto, em 1175 ou 1176, Pedro Valdo (às vezes, escrito Valdes) vivenciou uma conversão transformadora de vida, como a do apóstolo Paulo. Ele ficou tão consumido de paixão pelas Escrituras que empregou dois sacerdotes para traduzir as partes principais da Bíblia para o francês, a fim de que as pessoas de Lyon pudessem lê-la. Ao ler na Bíblia a admoestação para que se desse tudo aos pobres, Pedro Valdo fez exatamente isto. Ele deu a casa para a esposa, e o restante da fortuna para os pobres. Então pôs as filhas em um convento e começou a viajar para pregar o que descobrira na Bíblia. Seu entusiasmo e sua vida consistente logo atraíram seguidores. Os valdenses, como eram chamados, formavam pares e imitavam o seu líder, viajando muito para pregar e ensinar. Como muitos deles não eram instruídos, ficaram conhecidos como os Pobres de Lyon. Eles não eram treinados para pregar, por isso apenas memorizavam partes da Bíblia e as citavam em todos os lugares a que iam. A aparência tosca do grupo, bem como o fato de eles andarem descalços, provocou desdém e tornou-os alvo de zombarias. Depois de uma década, o desprezo se transformou em perseguição organizada.

Em um determinado ponto, eles alcançaram um modesto sucesso. O papa Alexandre III deu-lhes aprovação experimental para que se tornassem uma organização. Entretanto, eles não podiam pregar sem a autorização expressa das autoridades da igreja local. Os valdenses não deram muita atenção a isto. Eles iam aonde queriam e pregavam quando queriam. Tal desobediência ao protocolo começou a enraivecer os líderes da igreja. Além disso, a política de pregar em qualquer lugar e o estilo de vida simples e frugal dos valdenses eram uma condenação aberta à riqueza e ao luxo da corrente majoritária da igreja, o que era intolerável para muitos clérigos. Os valdenses expuseram a mundanidade do clero e rotularam a Igreja Católica de "prostituta de Babilônia".¹

Assim como Martinho Lutero faria, uns trezentos anos mais tarde, os valdenses invocaram a Palavra de Deus como a única autoridade para eles, e por isso suprimiram algumas crenças, como o purgatório e a veneração (adoração) de santos. Por volta de 1182, apenas sete anos após a conversão de Valdo, o arcebispo de Lyon expulsou-os da cidade. Dois anos depois, o Concílio de Verona (1184) os marcou oficialmente como "hereses". Valdo e seus pregadores itinerantes tiveram de pregar escondido pelos 35 anos seguintes. Eles foram afugentados para os Alpes franceses, onde foram caçados como animais.

No entanto, a perseguição não impediu o crescimento dos valdenses. Por volta do fim do século XIII, eles haviam se infiltrado na maior parte da Europa. Embora numerosos, foram perseguidos com intensidade. A aversão do papa Inocêncio III (eleito em 1198) aos valdenses era cáustica, ao contrário da moderada aprovação que tinham recebido do papa Alexandre III (eleito em 1159). Em 1209, Inocêncio até anunciou uma cruzada contra os valdenses que, juntamente com outros, foram vítimas do amplo julgamento teológico conhecido como "Inquisição". Apesar disso, eles não podiam ser silenciados, e não o foram. A marca registrada do movimento valdense era a sua determinação em pregar o NT sempre na língua ou dialeto da região em que estavam.

A convicção de Pedro Valdo e seu respeito genuíno pela Palavra de Deus, como também a coragem dos milhares de seus seguidores, causaram a primeira fenda na base da extravagante igreja da Idade Média.

John Wycliffe (ca.1329—1384): Uma Brilhante Mente Inglesa

Considerado a pessoa mais influente da Inglaterra em sua época, John Wycliffe foi o segundo gigante a sacrificar a vida como precursor da Reforma Protestante.

Ele nasceu entre 1325 e 1329, em Hipswell, na área de Yorkshire, Inglaterra. Na década de 1340, frequentou a Universidade de Oxford e graduou-se em três faculdades. Em 1372, concluiu seu doutorado em Teologia. O lugar em que primeiro lecionou foi a Faculdade Balliol, na Universidade de Oxford, mas ele não alcançou muita fama em seus anos iniciais como professor. Quinze anos mais tarde, Wycliffe obteve a atenção de Oxford, Inglaterra, e até a do papa, em Roma. Por volta de 1376, ele começou a fazer conferências contra a devassidão e a perversidade do clero. Atacou as igrejas, especificamente por possuírem grandes quantidades de terras, e desafiou os clérigos, que eram indignos, a se tornarem verdadeiros homens de Deus e pastores de pessoas.

Essas críticas contaram com a aprovação enérgica dos camponeses, que já estavam cansados de enviar grandes somas de dinheiro para sustentar o estilo de vida luxuoso de Roma. E a emergente liderança civil, que começava a objetar o acúmulo maciço de riqueza por parte da igreja, recebeu tais críticas até com mais entusiasmo do que os camponeses. A popularidade de John Wycliffe aumentou por causa do Grande Cisma, que foi um acontecimento embaraçoso na história da Igreja Católica Romana. O Grande Cisma ocorreu no período de 1378 a 1417, quando três homens — não um, nem dois — afirmavam, ao mesmo tempo, ser o papa.

No entanto, o programa de Deus para a purificação da igreja foi muito além da mera rivalidade política. Deus levantou John Wycliffe para revelar as mais sérias deformidades da corrupção teológica da igreja. Por volta de 1378, Wycliffe denunciou sistematicamente a estrutura doutrinal da igreja, mostrando quanto ela estava em oposição à Bíblia. Seu trabalho não passou despercebido. No início de 1377, as autoridades eclesásticas, enfurecidas, emitiram ordem de prisão contra ele. Apesar de ameaças de prisão e de assassinato o cercarem, Wycliffe permaneceu inabalável. De maneira sobrenatural, Deus usou John Gaunt, influente membro da nobreza inglesa, como uma proteção política para Wycliffe. Gaunt fez por Wycliffe o que Frederico, o Grande, faria duzentos anos depois por Martinho Lutero, i.e., fornecer proteção política contra a burocracia poderosa e inflexível da Igreja Católica Romana.

Apesar do vasto apelo popular de Wycliffe, por volta de 1380, ano em que foi oficialmente condenado, levantou-se uma forte oposição a ele em Oxford. Mesmo os líderes políticos influentes não conseguiram conter a violenta tática das autoridades da igreja para subjugar-lo e, acima de tudo, para silenciá-lo.

Destituíram Wycliffe de sua posição de professor na universidade e o baniram para Lutterworth, um serviço de pregação pequeno e desinteressante. Mas não puderam acabar com a sua influência. Com tempo de sobra, Wycliffe fez naquela pequena cidade o que não teria feito na universidade, e o projeto que levou a cabo fez mais na realização dos objetivos dele do que qualquer luta política o faria. De 1382 a 1384, ele realizou o maior desejo de sua vida — produzir a Bíblia em uma linguagem comum. Wycliffe não era um tradutor que desfiguraria ou adulteraria a linguagem bíblica. Ele insistia em trabalhar com as línguas originais, em vez de traduzir do latim. Sua versão da Bíblia para o inglês é uma obra de arte que estabeleceu o padrão da prosa inglesa.

Entrementes, os ataques teológicos de Wycliffe contra a igreja não cessaram. Ele expôs o papa como um mero mortal. Argumentou que apenas Cristo era o Cabeça da igreja e identificou o papa com o anticristo. Por volta de 1381, ele atacou de maneira específica a incomum interpretação que Roma fazia da

Ceia do Senhor (a doutrina da transubstanciação). Em última instância, este era um ataque aos abusos do clero. Wycliffe queria que os monges e os frades cuidassem das pessoas. Acusava-os de não se preocuparem com os pobres. Wycliffe achava que o sacerdote de vila devia ser mais pastor do que mercenário. Defendia que era preciso disponibilizar a verdade da Palavra de Deus para todos e transmiti-la em uma linguagem que todos entendessem. Quando lhe perguntaram: "Como devemos pregar a Palavra de Deus?", Wycliffe respondeu: "De maneira apropriada, com simplicidade, e de maneira direta, com um coração sincero e devoto".

Lollardos:

Um grupo de homens conhecidos como "lollardos" (crê-se que o nome Lollardo significa "tartamudo" ou "gago"; em outras palavras, um orador que não consegue articular as palavras) disseminou as crenças de Wycliffe. Esses pregadores espalharam-se por todo o interior para pregar os fundamentos da mensagem bíblica e ler a Bíblia para as pessoas. Ao que tudo indica, embora alguns deles fossem estudantes, a maioria era pobre e não tinha instrução. Por essa razão, ficaram conhecidos como Sacerdotes Pobres. Com frequência, eles andavam descalços e em extrema penúria pelas regiões interioranas a fim de levar a mensagem bíblica aos camponeses. Os Sacerdotes Pobres, ou Lollardos, influenciaram muito na disseminação do evangelho. É surpreendente que não saibamos o nome de nenhum deles. Contudo, se eles não fossem fiéis, o evangelho poderia não ter chegado até você. Este grupo de homens destituídos de recursos e muitas vezes perseguidos andou praticamente por todas as vilas e aldeias da Inglaterra para levar a verdadeira e simples mensagem de Jesus.

Ao mesmo tempo em que a influência de Wycliffe crescia, sua saúde se deteriorava. Em 1384, enfraquecido, Wycliffe morreu no ostracismo. Poderíamos pensar que sua morte foi suficiente para satisfazer a raiva que o papa e a hierarquia religiosa dele sentiam, mas tanto a morte quanto seu enterro não foram suficientes para isto. Quarenta e quatro anos depois, o papa Martinho V insistiu em exumar o corpo de Wycliffe, queimá-lo e atirar as cinzas no rio. Esta foi a forma que o papa encontrou para demonstrar o seu desejo de acabar, para sempre, com a influência de Wycliffe. Esse mesmo rio, no entanto, espalhou as cinzas por vários lugares, e sua mensagem também se espalhou pelo mundo. O fato é que o inimigo não pôde anular a verdade por muito tempo.

John Huss: O "João Batista" de Martinho Lutero

John Huss (Jan Hus) nasceu entre 1369 e 1374. Embora não se tenha certeza da data do seu nascimento, sua morte foi documentada com todos os detalhes. Huss nasceu em Husinetz, ao sul da Boêmia. Embora fosse um estudante muito dotado, foi obrigado a trabalhar em serviços humildes para sobreviver. Em 1393, ele finalmente graduou-se na Universidade de Praga, e em 1396 concluiu o mestrado. Diz-se que herdou o firme caráter, a profunda piedade e o intenso amor pelo aprendizado de sua mãe viúva.

Em 1401, Huss ordenou-se padre católico romano e, no ano seguinte, tornou-se reitor da universidade. Aquele ano foi também importante porque um de seus conhecidos retornou da Inglaterra trazendo documentos que mudariam a vida dele e alterariam de maneira relevante a história da igreja. Jerônimo de Praga (lembre-se que, naquela época, muitas pessoas não tinham sobrenome) estivera na Universidade de Oxford estudando com o famoso dr. John Wycliffe. Embora fosse um ardente pensador independente, Huss foi muito influenciado pelas obras de Wycliffe e traduziu o *Triologus* ("Logos Trino"), de Wycliffe, para o tcheco. Huss enfrentou muitos problemas por aceitar as pressuposições de Wycliffe.

O caráter, bem como o temperamento estudioso de John Huss, trouxeram-lhe elogios de seu arcebispo e do rei. O arcebispo Zbynek designou-o como pregador de todo o sínodo, uma posição muito honrosa. A fama de pregador hábil alcançada por Huss espalhou-se por toda a redondeza. Em 1402, ele foi indicado diretor da capela de Belém, e duas vezes por dia o auditório ficava repleto de pessoas que queriam ouvir o pregador veemente proclamar o poder do evangelho. A "pregação vernácula", conforme denominaram a pregação compreensível para as pessoas, tornou muito conhecida a capela de Belém.

A popularidade de Huss chamou a atenção não apenas do arcebispo, mas também do rei. O rei Venceslau IV (Wenzel) era conhecido por ser veemente defensor de que houvesse a igreja nacional boêmia, claramente antagônica à Igreja Romana. Na Boêmia, o patriotismo estava em ascensão. Compreensivelmente, Huss, o pregador amável, ajudou a inflamar o nacionalismo.

Conforme mencionado acima, a Igreja Romana passou por uma situação embaraçosa ao ter, ao mesmo tempo, duas pessoas afirmando ser o papa — uma em Roma e outra em Avignon, França. Esta cisão gerou facções e divisões na igreja. Por fim, propôs-se depor os dois papas. Huss, como muitos outros, concordou com este plano, mas infelizmente o arcebispo não compartilhava do seu ponto de vista. Nesse meio tempo, os dois papas ficaram mais enraivecidos com o fato de Huss ensinar as idéias de Wycliffe. Por volta de 1409, Roma mandou que John Huss se calasse. Tendo fracassado esta tentativa, o papa excomungou Huss e seus seguidores em 1411. Isto apenas tornou Huss mais determinado a pregar suas idéias. Ele aumentou seus ataques em relação às indulgências e expôs abertamente as tentativas do papa de levantar dinheiro para financiar causas pessoais. As críticas de Huss eram tão veementes que começaram a aborrecer o rei, que fora seu firme apoiador. Por volta de 1412, expulsaram Huss e seus seguidores de Praga. Então, ele devotou-se a escrever *De Ecclesia* ("A Igreja").

Constança:

Parecia possível que os problemas de Huss fossem resolvidos quando, em 1414, o imperador Segismundo encorajou-o a comparecer diante do Concílio de Constança, com o intuito de explicar o seu ponto de vista. O imperador assegurou-lhe que seria protegido e deu-lhe um salvo conduto. Em 3 de novembro de 1414, ele chegou a Constança, mas nunca lhe deram, conforme prometido, a oportunidade de explicar suas visões teológicas. Para espanto de Huss, à sua chegada a Constança seguiu-se um breve interrogatório acompanhado de oito difíceis meses na prisão.

Em 6 de julho de 1415, Huss foi queimado em uma estaca após negar-se a abjurar a verdade de seu ensinamento. Poggius Bracciolini, o emissário papal que entregou a convocação para que ele comparecesse diante do Concílio de Constança, escreveu um relato de 72 páginas comovente e instigante sobre a morte de Huss. Embora Bracciolini fosse empregado do papa, e obviamente contrário aos ensinamentos de Huss, seu relato mostra que foi profundamente tocado pelo comportamento e, por fim, pela morte de John Huss. Poucos livros são mais dramáticos do que o relato de Bracciolini intitulado *Hus the Heretic* ("Huss, o herege"). O livro reconta os traumas, o julgamento e a sentença de John Huss como homem blasfemo. A multidão provocou distúrbios na sala quando leram o veredicto de culpado. Quebraram cadeiras e jogaram as partes pela sala. Dispersaram a multidão, que se tornou mais hostil. A multidão demonstrou sua raiva contra a hierarquia da igreja, que votou a favor de queimar John Huss na estaca, pisoteando o corpo do bispo regente de Cleve que morrera durante o Concílio, deixando-o irreconhecível. Nessa altura dos acontecimentos, John Huss poderia fugir com facilidade. Seus inimigos entraram em pânico, convencidos de que Huss fugira durante o tumulto. Eles tentaram fechar os portões da cidade para impedir a fuga. Quando acabou o tumulto, eles descobriram que Huss voltara para a cela e, de joelhos, orava pedindo coragem para enfrentar a morte no dia seguinte.

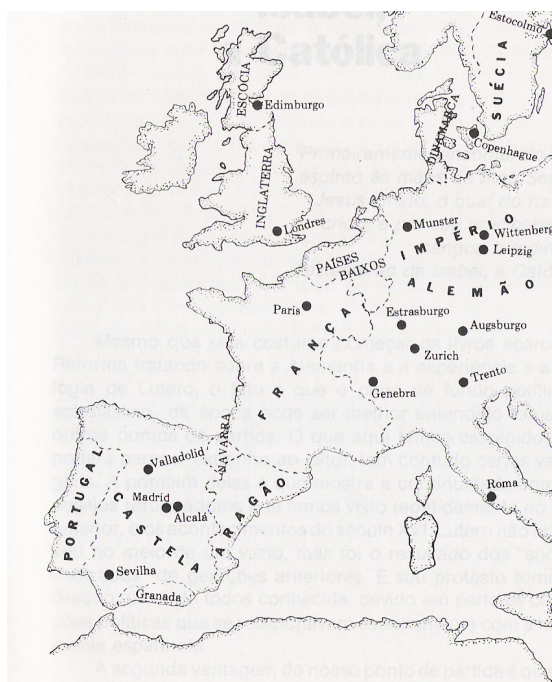
Os acusadores, quando chegaram ao local em que Huss seria queimado, exigiram pela última vez que ele abjurasse. Mas ele respondeu: — Hoje vocês queimam um ganso insignificante, mas daqui a cem anos ouvirão o canto de um cisne que não será queimado, e nenhuma artimanha ou armadilha o prenderá. — Na verdade, na Boêmia, o nome de Huss significa "ganso". Isto foi uma profecia. Muitos interpretam que o "cisne" foi uma referência a Martinho Lutero que, cem anos mais tarde, não foi queimado na estaca por dizer muitas das coisas por que Huss fora condenado.

Neste ponto, "o carrasco umedeceu as cordas, amarrou as mãos e os pés de Huss à estaca, enfiou tecido encharcado em óleo líquido no espaço entre seu corpo e a estaca e jogou tanto óleo sobre sua cabeça que este escorreu até sua barba". Acenderam o fogo em seis ou mais pontos, mas, como não havia vento, ele não pegou bem. John Huss esperou mais de meia hora para que o fogo começasse em volta dele. Um ancião, que Bracciolini acreditava que tivesse mais de oitenta anos, trouxe mais fogo e pôs em volta de

Huss, dizendo com ironia que aquilo era para que ele “partisse mais rápido para o inferno”. Agora, o fogo estava alto, e as chamas lambiam o corpo de John Huss. A multidão ouviu-o clamar três vezes: “Jesus Cristo, Filho do Deus vivo, tenha misericórdia de mim”. Depois da terceira vez em que falou, a fumaça clareou um pouco, e a multidão viu que a cabeça dele abaixara sobre o peito. Bracciolini afirma que “ele morreu antes de a chama tocá-lo”. Duas horas mais tarde, o corpo cremado dele foi lançado no rio Rhine. Bracciolini termina a carta para o amigo Nikolai com estas palavras impressionantes: “Meu querido Nikolai, eu queria contar-lhe a história de um herege, para que saiba a firmeza de fé que Huss demonstrou diante de seus inimigos, e quanto foi bem-aventurada a morte desse homem piedoso por causa de sua fé. Em verdade, digo-lhe que ele era bom demais para este mundo!” A carta continha apenas esta assinatura: “Poggius, escrita no dia de Calisto, em outubro de 1415”.

Após este surpreendente relato de uma das mortes mais horríveis que houve, os leitores devem se perguntar a razão para tudo isto. Por que executaram este homem? O que ele fez para merecer tanta raiva, hostilidade e brutalidade? Qual foi o seu grande crime? Seu pecado? A resposta é simples: ele acreditava que a Bíblia é a Palavra de Deus. Acreditava que a Bíblia é a autoridade final. Acreditava que as pessoas não podiam comprar perdão para os pecados com dinheiro (indulgências). Ele acreditava na simplicidade e na santidade da Igreja Primitiva. Acreditava que, no culto da comunhão, não deviam servir para as pessoas apenas o pão, mas também o cálice. Acreditava que o clero não devia abusar dos leigos, nem se aproveitar econômica e emocionalmente deles. Ele acreditava que a verdadeira Igreja de Jesus Cristo não era uma estrutura organizacional, mas consistia em pessoas que realmente conheciam o seu Deus.

Foram esses crimes que lhe trouxeram a morte dolorosa. E a verdade prosseguiu sua marcha porque ele morreu, porque ele permaneceu firme. Como sempre, a verdade venceu naquele dia quente de julho de 1415, e vence até hoje. Por causa da fé, da firmeza, da confiança e da capacidade de recuperação de pessoas como John Huss, podemos dizer com honestidade, com sinceridade, que a igreja está viva e bem! E uma igreja saudável salva (e preserva) a civilização.



2. A Europa pré-reforma.

Alguns elementos que caracterizavam a sociedade europeia às vésperas da Reforma eram: muita violência, baixa expectativa de vida, profundos contrastes sócio-econômicos e um crescente sentimento nacionalista. Havia também muita insatisfação, tanto dos governantes como do povo, em relação à igreja, principalmente ao alto clero e a Roma. Na área espiritual, havia insegurança e ansiedade acerca da salvação em virtude de uma religiosidade baseada em obras, também chamada de religiosidade contábil ou “matemática da salvação” (débitos = pecados; créditos = boas obras).

Foi bastante inusitado o episódio mais imediato que desencadeou o protesto de Lutero. Desde meados do século XIV, cada novo líder do Sacro Império Romano era escolhido por um colégio eleitoral composto de quatro príncipes e três arcebispos. Em 1517, quando houve a eleição de um novo imperador, um dos três arcebispos eleitorais (o de Mainz ou Mogúncia) estava vago. Uma das famílias nobres que participavam desse processo, os

Hohenzollern, resolveu tomar para si esse cargo e assim ter mais um voto no colégio eleitoral. Um jovem da família, Alberto, foi escolhido para ser o novo arcebispo, mas havia dois problemas: ele era leigo e não tinha a idade mínima exigida pela lei canônica para exercer esse ofício. O primeiro problema foi sanado com a sua rápida ordenação ao sacerdócio.

Quanto ao impedimento da idade, era necessária uma autorização especial do papa, o que levou a um negócio altamente vantajoso para ambas as partes. A família nobre comprou a autorização do papa Leão

X mediante um empréstimo feito junto aos banqueiros Fugger, de Augsburg. Ao mesmo tempo, o papa autorizou o novo arcebispo Alberto de Brandemburgo a fazer uma venda especial de indulgências, dividindo os rendimentos da seguinte maneira: parte serviria para o pagamento do empréstimo feito pela família e a outra parte iria para as obras da Catedral de São Pedro, em Roma. E assim foi feito. Tão logo foi instalado no seu cargo, Alberto encarregou o dominicano João Tetzel de fazer a venda das indulgências (o perdão das penas temporais do pecado). Quando Tetzel aproximou-se de Wittenberg, Lutero resolveu pronunciar-se sobre o assunto.

3. Martinho Lutero (1483-1546)

Martinho Lutero nasceu em 1483 na pequena cidade de Eisleben, na Turíngia, em um lar muito religioso. Seu pai trabalhava nas minas e a família tinha uma vida confortável. Inicialmente, o jovem pretendeu seguir a carreira jurídica, mas em 1505 defrontou-se com a morte em uma tempestade e resolveu abraçar a vida religiosa. Ingressou no mosteiro agostiniano de Erfurt, onde dedicou-se a uma intensa busca da salvação. Em 1512, tornou-se professor da Universidade de Wittenberg, onde passou a ministrar cursos sobre vários livros da Bíblia, como Gálatas e Romanos. Isso lhe deu um novo entendimento acerca da "justiça de Deus": ela não era simplesmente uma expressão da severidade de Deus, mas do seu amor que justifica o pecador mediante a fé em Jesus Cristo (Rom 1.17).



No dia 31 de outubro de 1517, diante da venda das indulgências por João Tetzel, Lutero afixou à porta da igreja de Wittenberg as suas *Noventa e Cinco Teses*, a maneira usual de convidar-se uma comunidade acadêmica para debater algum assunto. Logo, uma cópia das teses chegou às mãos do arcebispo, que as enviou a Roma. No ano seguinte, Lutero foi convocado para ir a Roma a fim de responder à acusação de heresia. Recusando-se a ir, foi entrevistado pelo cardeal Cajetano e manteve as suas posições. Em 1519, Lutero participou de um debate em Leipzig com o dominicano João Eck, no qual defendeu o pré-reformador João Hus e afirmou que os concílios e os papas podiam errar.

Em 1520, a bula papal *Exsurge Domine* (= "Levanta-te, Senhor") deu-lhe sessenta dias para retratar-se ou ser excomungado. Os estudantes e professores da universidade queimaram a bula e um exemplar da lei canônica em praça pública. Nesse mesmo ano, Lutero escreveu várias obras importantes, especialmente três: *A Nobreza Cristã da Nação Alemã*, *O Cativoiro Babilônico da Igreja* e *A Liberdade do Cristão*. Isso lhe deu notoriedade imediata em toda a Europa e aumentou a sua popularidade na Alemanha. No início de 1521, foi publicada a bula de excomunhão, *Decet Pontificem Romanum*. Nesse ano, Lutero compareceu a uma reunião do parlamento, a Dieta de Worms, onde reafirmou as suas idéias. Foi promulgado contra ele o Edito de Worms, que o levou a refugiar-se no castelo de Wartburgo, sob a proteção do príncipe-eleitor da Saxônia, Frederico, o Sábio. Ali Lutero começou a produzir uma obra-prima da literatura alemã, a sua tradução das Escrituras.

4. A Reforma na Alemanha

A partir de então, a reforma luterana difundiu-se rapidamente no Sacro Império, sendo abraçada por vários principados alemães. Isso levou a dificuldades crescentes com os principados católicos, com o novo imperador Carlos V (1519-1556) e com o parlamento (Dieta). Na Dieta de 1526, houve uma atitude de tolerância para com os luteranos, mas em 1529 a Dieta de Spira reverteu essa política conciliadora. Diante disso, os líderes luteranos fizeram um protesto formal que deu origem ao nome histórico "protestantes". No ano seguinte, o auxiliar e eventual sucessor de Lutero, Filipe Melancton (1497-1560), apresentou ao imperador Carlos V a *Confissão de Augsburg*, um importante documento que definia em 21 artigos a doutrina luterana e indicava sete erros que Lutero via na Igreja Católica Romana. Os problemas político-religiosos levaram a um período de guerras entre católicos e protestantes (1546-1555), que terminaram com um tratado, a Paz de Augsburg. Esse tratado assegurou a legalidade do

luteranismo mediante o princípio “cujus regio, eius religio”, ou seja, a religião de um príncipe seria automaticamente a religião oficial do seu território. O luteranismo também se difundiu em outras partes da Europa, principalmente nos países nórdicos, surgindo igrejas nacionais luteranas na Suécia (1527), Dinamarca (1537), Noruega (1539) e Islândia (1554). Lutero e os demais reformadores defenderam alguns princípios básicos que viriam a caracterizar as convicções e práticas protestantes: *sola Scriptura, solo Christo, sola gratia, sola fides, soli Deo gloria*. Outro princípio aceitos por todos foi o do *sacerdócio universal dos fiéis*.

5. Ulrico Zuínglio (1484-1531)

Ulrico Zuínglio recebeu uma educação esmerada, com forte influência humanista. Inicialmente, foi sacerdote em Glarus (1506) e em Einsiedeln (1516). Influenciado pelo Novo Testamento publicado por Erasmo de Roterdã, tornou-se um estudioso das Escrituras e um pregador bíblico. Com isso, foi chamado para trabalhar na catedral de Zurique em 1518. Quatro anos mais tarde, surgiram as primeiras divergências com a doutrina católica. Zuínglio defendeu o consumo de carne na quaresma e o casamento dos sacerdotes, alegando não serem essas coisas proibidas nas Escrituras. Ele propôs o princípio de que tudo devia ser julgado pela Bíblia.

Em 1523, houve o primeiro debate público em Zurique e a cidade começou a tornar-se protestante. O reformador escreveu os *Sessenta e Sete Artigos* – a carta magna da reforma de Zurique – nos quais defendeu a salvação somente pela graça, a autoridade da Escritura e o sacerdócio dos fiéis, bem como atacou o primado do papa e a missa. Esse movimento suíço, conhecido como a “segunda reforma”, deu origem às igrejas “reformadas”, difundindo-se inicialmente na Suíça alemã e no sul da Alemanha. Em 1525, o Conselho Municipal de Zurique adotou o culto em lugar da missa e em geral promoveu mudanças mais radicais do que as efetuadas por Lutero.

Como estava acontecendo na Alemanha, também na Suíça houve guerras entre católicos e protestantes. Em 1529, travou-se a primeira batalha de Kappel. No mesmo ano, a Dieta de Spira mostrou aos protestantes a necessidade de uma aliança contra os seus adversários. Para tanto, era necessário que resolvessem algumas diferenças doutrinárias. Isso levou ao Colóquio de Marburg, convocado pelo príncipe Filipe de Hesse. Luteranos e reformados concordaram sobre a maior parte das questões doutrinárias, mas divergiram seriamente sobre o significado da Santa Ceia. Em 1531, Zuínglio morreu na segunda batalha de Kappel.

6. Os Reformadores Radicais (Anabatistas)

O terceiro movimento da Reforma Protestante surgiu na própria cidade de Zurique. Em 1522, homens como Conrado Grebel e Félix Mantz começaram a reunir-se com amigos para estudar a Bíblia. Inicialmente, eles apoiaram o obra de Zuínglio, mas a partir de 1524 passaram a condenar tanto Zuínglio quanto as autoridades municipais, alegando que a sua obra de reforma não estava sendo profunda o suficiente. Por causa de sua insistência no batismo de adultos, foram apelidados de “anabatistas”, ou seja, rebatizadores, sendo também chamados de radicais, fanáticos, entusiastas e outras designações. Por causa de suas atividades de protesto, nas quais chegavam a interromper cultos e celebrações da ceia, os líderes anabatistas sofreram punições de severidade crescente. Em 1526, Grebel morreu em uma epidemia, mas seu pai foi decapitado, Mantz foi afogado e outro líder, Jorge Blaurock, foi expulso da cidade.



O movimento logo difundiu-se nas vizinhas Alemanha e Áustria e em outras partes da Europa. Um importante líder em Estrasburgo foi Miguel Sattler (c.1490-1527), que presidiu a conferência de Schleithem (1527), na qual os anabatistas aprovaram a *Confissão de Fé de Schleithem*. Essa confissão definiu os princípios anabatistas básicos: ideal de restauração da igreja primitiva; igrejas vistas como congregações voluntárias separadas do Estado; batismo de adultos por imersão; afastamento do mundo; fraternidade e igualdade; pacifismo; proibição do porte de armas, cargos públicos e juramentos. Os anabatistas foram os únicos protestantes do século XVI a

defenderem a completa separação entre a igreja e o estado.

Os anabatistas adquiriram uma reputação negativa por causa de acontecimentos ocorridos na cidade de Münster (1532-1535). Influenciados por Melchior Hoffman, que anunciou o fim do mundo e a destruição dos ímpios, alguns anabatistas implantaram uma teocracia intolerante naquela cidade alemã. Finalmente, foram todos mortos por um exército católico. Já na Holanda, o movimento teve um líder equilibrado e capaz na pessoa de *Menno Simons* (1496-1561), do qual vieram os menonitas. Outro líder de expressão foi Jacob Hutter (†1536), na Morávia. Os menonitas e os huteritas viviam em colônias, tendo tudo em comum (ver Atos 2.44; 4.32). Cruelmente perseguidos em toda a Europa, muitos deles eventualmente emigraram para a América do Norte.

7. João Calvino (1509-1564)

João Calvino nasceu em Noyon, no nordeste da França. Seu pai, Gérard Cauvin, era secretário do bispo e advogado da igreja naquela cidade; sua mãe Jeanne Lefranc, morreu quando ele ainda era uma criança. Após os primeiros estudos em sua cidade, Calvino seguiu para Paris, onde estudou teologia e humanidades (1523-1528). A seguir, por determinação do pai, foi estudar direito nas cidades de Orléans e Bourges (1528-1531). Com a morte do pai, retornou a Paris e deu prosseguimento aos estudos humanísticos, publicando sua primeira obra, um comentário do tratado de Sêneca *Sobre a Clemência*.

Calvino converteu-se provavelmente em 1533. No dia 1º de novembro daquele ano, seu amigo Nicholas Cop fez um discurso de posse na Universidade de Paris repleto de idéias protestantes. Calvino foi considerado o co-autor do discurso e os dois amigos tiveram de fugir para salvar a vida. Calvino foi para a cidade de Angouleme, onde começou a escrever a sua obra mais importante, *Instituição da Religião Cristã* ou *Institutas*, publicada em Basileia em 1536 (a última edição seria publicada somente em 1559). Após voltar por breve tempo ao seu país, Calvino decidiu fixar-se na cidade protestante de Estrasburgo, onde atuava o reformador Martin Butzer (1491-1551). No caminho, ocorreu um episódio marcante. Impossibilitado de seguir diretamente para Estrasburgo por causa de guerra entre a França e a Alemanha, o futuro reformador fez um longo desvio, passando por Genebra, na Suíça francesa. Essa cidade havia abraçado o protestantismo reformado há apenas dois meses (maio de 1536), sob a liderança de Guilherme Farel (1489-1565). Este, sabendo que o autor das *Institutas* estava de passagem pela cidade, o “convenceu” a permanecer ali e ajudá-lo.

8. A Reforma em Genebra

Logo Calvino e Farel entraram em conflito com os magistrados de Genebra e dois anos depois foram expulsos. Calvino seguiu então para Estrasburgo, onde passou os três anos mais felizes e produtivos da sua carreira (1538-1541). Naquela cidade ele pastoreou uma igreja de refugiados franceses, casou-se com a viúva Idelette de Bure (†1549), lecionou na academia de João Sturm, participou de conferências religiosas ao lado de Martin Butzer e publicou algumas obras importantes, entre elas a segunda edição das *Institutas* e o *Comentário de Romanos*, o primeiro dos muitos que escreveu.

Eventualmente, os magistrados de Genebra insistiram no seu retorno. Calvino aceitou com a condição de que pudesse escrever a constituição da Igreja Reformada de Genebra. Essa importante obra, as *Ordenanças Eclesiásticas*, previa quatro categorias de oficiais: pastores, encarregados da pregação e dos sacramentos; doutores para o estudo e ensino da Bíblia; presbíteros, com funções disciplinares; e diáconos, encarregados da beneficência. Os pastores e os doutores formavam a Companhia dos Pastores; os pastores e os presbíteros integravam o Consistório, uma espécie de tribunal eclesiástico. Calvino teve um relacionamento tenso com as autoridades municipais até 1555. No final desse período, em 1553, o médico espanhol Miguel Serveto foi condenado e executado por heresia. Calvino teve uma participação nesse episódio, lamentada por seus herdeiros, o que não anula a sua grande obra como



reformador, escritor, teólogo e líder eclesiástico. Em 1559, um ano especialmente significativo, o reformador tornou-se cidadão de Genebra, fundou a sua Academia, embrião da Universidade de Genebra, e publicou a última edição das *Institutas*.

A visão do reformador francês era tornar Genebra uma cidade-cristã-modelo através da reorganização da igreja, de um ministério bem preparado, de leis que expressassem uma ética bíblica e de um sistema educacional completo e gratuito. O resultado foi que Genebra tornou-se um grande centro do protestantismo, preparando líderes reformados para toda a Europa e abrigando centenas de refugiados. O calvinismo veio a ser o mais completo sistema teológico protestante, tendo por princípio básico a soberania de Deus e suas implicações, soteriológicas e outras. Foi essa a origem das igrejas reformadas (continente europeu) ou presbiterianas (Ilhas Britânicas). Os principais países em que se difundiu o movimento reformado foram, além da Suíça e da França, o sul da Alemanha, a Holanda, a Hungria e a Escócia.

Calvino também notabilizou-se como um erudito bíblico. Escreveu comentários sobre quase todo o Novo Testamento e os principais livros do Antigo Testamento. Seus sermões e preleções também expuseram amplamente as Escrituras. Além disso, escreveu muitos opúsculos, tratados e cartas. Mas a maior das suas obras são as *Institutas*, nas quais ele expôs todos os aspectos da doutrina cristã, apelando às Escrituras e ao testemunho dos antigos pais da igreja. Em muitas de suas obras se vê uma mão que sustenta um coração, e ao redor as palavras *Cor meum tibi offero Domine, prompte et sincere* ("O meu coração te ofereço, ó Senhor, de modo pronto e sincero").

9. A Reforma na Inglaterra



Vários fatores contribuíram para a introdução da Reforma Protestante na Inglaterra: o anticlericalismo de uma grande parcela do povo e dos governantes, as idéias do pré-reformador João Wycliff, a penetração de ensinamentos luteranos a partir de 1520, o Novo Testamento traduzido por William Tyndale (1525) e a atuação de refugiados que voltaram de Genebra. Todavia, quem deu o passo decisivo para que a Inglaterra começasse a tornar-se protestante foi o rei Henrique VIII.

Henrique VIII (1491-1547) começou a reinar em 1509. Sendo muito católico, em 1521 escreveu um folheto contra Lutero que lhe valeu o título de "defensor da fé." Era casado com a princesa espanhola Catarina de Aragão, viúva do seu irmão, que não conseguiu dar-lhe um filho varão, mas somente uma filha, Maria. Henrique pediu ao papa Clemente VII que anulasse o seu casamento com Catarina para que pudesse casar-se com Ana Bolena (Anne Boleyn), mas o papa não pode atendê-lo nesse desejo. Uma das principais razões foi o fato de que Catarina era tia do sacro imperador germânico Carlos V. Em 1533, Thomas Cranmer (1489-1556) foi nomeado arcebispo de Cantuária e poucos

meses depois declarou nulo o casamento do rei. Em 1534, o parlamento aprovou o Ato de Supremacia, pelo qual a Igreja Católica inglesa desvinculou-se de Roma e o rei foi declarado "Protetor e Único Chefe Supremo da Igreja da Inglaterra." O bispo John Fisher e o ex-chanceler Thomas More opuseram-se a essas medidas e foram executados (1535); os numerosos mosteiros do país foram extintos e suas propriedades confiscadas (1536-1539). Nos anos seguintes, Henrique ainda teria outras quatro esposas: Jane Seymour, Ana de Cleves, Catarina Howard e Catarina Parr.

Henrique morreu na fé católica e foi sucedido no trono por Eduardo VI (1547-1553), o filho que teve com Jane Seymour. Os tutores do jovem rei implantaram a Reforma na Inglaterra e puseram fim às perseguições contra os protestantes. Foram aprovados dois importantes documentos escritos pelo arcebispo Cranmer, o *Livro de Oração Comum* (1549; revisto em 1552) e os *Quarenta e Dois Artigos* (1553), uma síntese das teologias luterana e calvinista. Eduardo era doentio e morreu ainda jovem, sendo sucedido por sua irmã Maria Tudor (1553-1558), conhecida como "a sanguinária", filha de Catarina de Aragão. Maria perseguiu os

líderes protestantes e muitos foram levados à fogueira. Os mártires mais famosos foram Hugh Latimer, Nicholas Ridley e Thomas Cranmer. Muitos outros, os chamados "exilados marianos", foram para Genebra, Estrasburgo e outras cidades protestantes.

Com a morte de Maria, subiu ao trono sua meio-irmã Elizabete I (1558-1603), filha de Ana Bolena, em cujo reinado a Inglaterra tornou-se definitivamente protestante. Em 1563 foi promulgado o Ato de Uniformidade, que aprovou os *Trinta e Nove Artigos*. O resultado foi o acordo anglicano, que reuniu elementos das principais teologias evangélicas, bem como traços católicos, especialmente na área da liturgia. Além dos anglicanos, havia outros grupos protestantes na Inglaterra, como os puritanos, presbiterianos e congregacionais. Os puritanos surgiram no reinado de Elizabete e foram assim chamados porque reivindicavam uma igreja pura em sua doutrina, culto e forma de governo. Reprimidos na Inglaterra, muitos puritanos foram para a América do Norte, estabelecendo-se em Plymouth (1620) e Boston (1630), na Nova Inglaterra. Outro grupo protestante inglês foram os batistas, surgidos a partir de 1607 sob a liderança de John Smyth e Thomas Helwys. Este fundou em 1612 a primeira igreja batista geral.

No século XVI, no contexto da guerra civil entre o rei Carlos I e um parlamento puritano, foi convocada a Assembléia de Westminster (1643-1649). Essa célebre assembléia elaborou uma série de documentos calvinistas para a Igreja da Inglaterra, entre os quais a *Confissão de Fé* e os *Catecismos* Maior e Breve, que se tornaram os principais símbolos confessionais das igrejas reformadas ou presbiterianas.

10. A Reforma na Escócia

O protestantismo começou a ser difundido na Escócia por homens como Patrick Hamilton e George Wishart, ambos martirizados. Todavia, o presbiterianismo foi introduzido graças aos esforços do reformador John Knox (+1572), um discípulo de Calvino que, após passar alguns anos em Genebra, retornou ao seu país em 1559. No ano seguinte, o parlamento escocês criou a Igreja da Escócia (presbiteriana). Knox fez oposição tenaz à rainha católica Maria Stuart (1542-1587), prima de Elizabete, que viveu na França (1548-1561) e voltou à Escócia para tomar posse do trono. A aceitação do protestantismo ocorreu no contexto da luta pela independência do domínio francês. Alguns anos mais tarde, Maria Stuart teve de fugir e buscar refúgio na Inglaterra, onde foi executada por ordem de Elizabete em 1587.

Foi na Escócia que surgiu o conceito político-religioso de "presbiterianismo". Os reis ingleses e escoceses sempre foram firmes defensores do episcopado, ou seja, de uma igreja governada por bispos. A razão disso é que, sendo os bispos nomeados pelos reis, a igreja seria mais facilmente controlada pelo estado e serviria aos interesses do mesmo. À luz das Escrituras, os presbiterianos insistiram em uma igreja governada por oficiais eleitos pela comunidade, os presbíteros, tornando assim a igreja livre da tutela do estado. Foi somente após um longo e tumultuado processo que o presbiterianismo implantou-se definitivamente na Escócia.

11. A Reforma na França

O movimento reformado francês surgiu na década de 1530. Inicialmente tolerante, o rei Francisco I (1515-1547) eventualmente mostrou-se hostil contra os reformados. Henrique II (1547-1559) foi ainda mais severo que o seu pai. Em 1559 reuniu-se o primeiro sínodo nacional da Igreja Reformada da França, que aprovou a *Confissão Galicana*. Em 1561, havia duas mil congregações reformadas no país, compostas de artesãos, comerciantes e até mesmo de algumas famílias nobres, como os Bourbon e os Montmorency. Os reformados franceses, conhecidos como huguenotes, estavam concentrados principalmente no oeste e sudoeste do país, e recebiam decidido apoio de Genebra. Ao norte e leste estava a facção ultra-católica liderada pela poderosa família Guise-Lorraine.

No reinado de Francisco II (1559-1560), os Guise controlaram o governo. Quando Carlox IX (1560-1574) tornou-se rei, sendo ainda menor, sua mãe Catarina de Médici assumiu a regência, mostrando-se inicialmente tolerante para com os huguenotes. Tentando conciliar as duas facções, ela promoveu um encontro de católicos e protestantes, o Colóquio de Poissy, em 1561. Com o fracasso desse encontro, houve um longo período de guerras religiosas (1562-1598), cujo episódio mais chocante foi o massacre do Dia de São Bartolomeu (24-08-1572). Centenas de huguenotes achavam-se em Paris para o casamento da filha de Catarina com o nobre protestante Henrique de Navarra. Na calada da noite, os huguenotes foram assassinados à traição enquanto dormiam, entre eles o seu principal líder, almirante Gaspard de Coligny. Nos dias seguintes, muitos milhares foram mortos no interior da França. Mais tarde, quando o nobre huguenote tornou-se rei, com o título de Henrique IV, ele promulgou em favor dos seus correligionários o

Edito de Nantes (1598), concedendo-lhes uma tolerância limitada. Esse edito seria revogado pelo rei Luís XIV em 1685, dando início a um novo período de duras provações para os reformados franceses.

11. A Reforma nos Países Baixos

Os Países Baixos eram parte do Sacro Império Germânico e depois ficaram sob o domínio da Espanha. Durante o reinado do imperador Carlos V, surgiram naquela região luteranos, anabatistas e principalmente calvinistas, por volta de 1540. Desde o início foram objeto de intensas perseguições, tendo a repressão aumentado sob o rei Filipe II (1555) e o governador Duque de Alba (1567). A revolta contra a tirania espanhola foi liderada pelo alemão Guilherme de Orange, grande defensor da plena liberdade religiosa, que seria assassinado em 1584. Eventualmente, os Países Baixos dividiram-se em três nações: Bélgica e Luxemburgo (católicas) e Holanda (protestante).

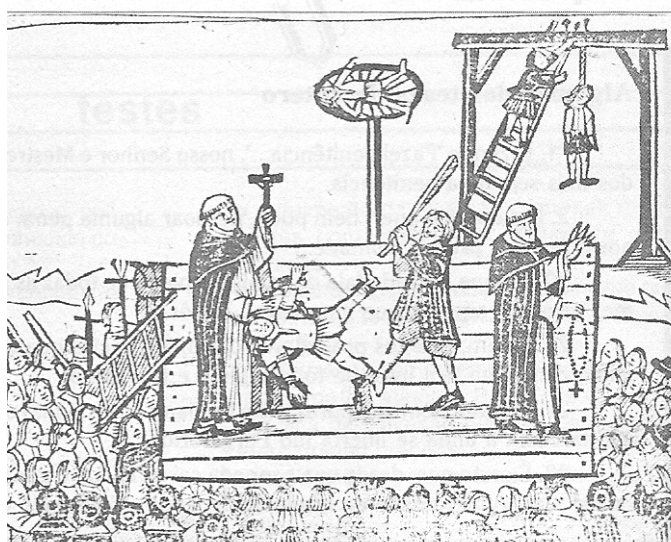
A Igreja Reformada Holandesa foi organizada na década de 1570. No início do século XVII surgiu uma forte controvérsia por causa das idéias de Tiago Armínio. O Sínodo de Dort (1618-1619) rejeitou as idéias de Armínio e afirmou os chamados "cinco pontos do calvinismo", cujas iniciais formam em inglês a palavra "tulip" (tulipa):

T	Total depravity	Depravação total
U	Unconditional election	Eleição incondicional
L	Limited atonement	Expição limitada
I	Irresistible grace	Graça irresistível
P	Perseverance of the saints	Perseverança dos santos

12. A Contra-Reforma

Ao analisarem as ações da Igreja Católica Romana após o surgimento do protestantismo, os historiadores falam em dois aspectos: Contra-Reforma e Reforma Católica. O primeiro foi o esforço da Igreja Romana para reorganizar-se e lutar contra o protestantismo. Essa reação ocorreu tanto no plano dogmático quanto político-militar. Já a Reforma Católica revelou a preocupação de corrigir certos problemas internos do catolicismo em resposta às críticas dos protestantes e de outros grupos.

Foram vários os elementos dessa reação. Na Espanha, houve notáveis manifestações de uma rica espiritualidade mística, cujos representantes mais destacados foram Teresa de Ávila e João da Cruz. Além do



A violência como forma de persuasão foi utilizada por ambos os lados, a Igreja Católica Romana intensificou o uso da força através da Inquisição

misticismo espanhol, outro sinal da revitalização católica foi o surgimento de várias ordens religiosas, das quais a mais importante foi a Sociedade de Jesus, fundada pelo espanhol Inácio de Loiola (1491-1556) e oficializada pelo papa em 1540. Além dos votos usuais de pobreza, castidade e obediência aos superiores, os jesuítas faziam um voto adicional de submissão incondicional ao papa. Seu objetivo era a expansão e o fortalecimento da fé católica através de missões, educação e combate à heresia. Os jesuítas exerceram forte influência sobre governantes e contribuíram decisivamente para a supressão do protestantismo em várias regiões da Europa, como a Espanha e a Polônia.

O instrumento mais eficaz tanto da Contra-Reforma quanto da Reforma Católica foi o Concílio de Trento, que reuniu-se em três séries de sessões entre 1545 e 1563. Seus decretos



rejeitaram explicitamente as doutrinas protestantes e oficializaram o tomismo (a teologia de Tomás de Aquino), a Vulgata Latina e os livros denominados apócrifos ou deuterocanônicos. Outros instrumentos da Contra-Reforma foram o Índice de Livros Proibidos (*Index Librorum Prohibitorum*, 1559) e a Inquisição, especialmente em suas versões espanhola e romana. Como expressão do dinamismo católico nesse período, as ordens dos franciscanos, dominicanos e jesuítas realizaram uma grande obra missionária no Oriente e nas Américas.

No território do Sacro Império, os conflitos entre católicos e protestantes continuaram por muitas décadas, atingindo o seu auge na tenebrosa Guerra dos Trinta Anos, que envolveu metade do continente europeu. Essa guerra terminou com a Paz de Westfália (1648), que fixou definitivamente as fronteiras político-religiosas da Europa e marcou o final do período da Reforma.

Implicações Práticas

A história da Reforma nem sempre é agradável e inspiradora. Por causa das profundas conexões entre elementos religiosos e políticos, esse período foi marcado por muita violência e intolerância em nome da fé. Porque a religião é uma coisa muito importante para as pessoas, as paixões que desperta podem se tornar terrivelmente destrutivas. Os erros cometidos nessa área por diferentes grupos nos séculos XVI e XVII nos servem de advertência e de estímulo para a prática da caridade cristã e da tolerância, conforme o exemplo de Cristo. Podemos, sem abrir mão de nossas convicções, respeitar os que pensam diferente de nós.

Ao mesmo tempo, nos impressionamos com o heroísmo de tantos irmãos nossos da época da Reforma, que por causa de sua fé enfrentaram muitas provações e até mesmo mortes cruéis. O evangelho já não exige esse tipo de sacrifício da maioria dos cristãos do Ocidente, mas isso não significa que estamos livres de grandes desafios. São outras as maneiras pelas quais a nossa fé é testada no tempo presente. Viver de acordo com os princípios e os valores do Reino de Deus continua sendo uma prova difícil, mas necessária, para todos os cristãos.

Os reformadores não estavam buscando inovar, mas restaurar antigas verdades bíblicas que haviam sido esquecidas ou obscurecidas pelo tempo e pelas tradições humanas. Sua maior contribuição foi chamar a atenção das pessoas para a importância das Escrituras e seus grandes ensinamentos, especialmente no que diz respeito à salvação e à vida cristã. Para que as igrejas evangélicas atuais possam manter-se fiéis à sua vocação, é preciso que julguem tudo pelas Escrituras, acolhendo o que é bom e lançando fora o que é mau. Os reformadores nos mostraram que o critério da verdade não são os ensinamentos humanos, nem a experiência espiritual subjetiva, mas o Espírito Santo falando na Palavra e pela Palavra.



BIBLIOGRAFIA:

González, Justo L. – Uma história Ilustrada do Cristianismo – v. 6 A era dos Reformadores
– São Paulo - Ed. Vida Nova – 1995.